

SURU1

CEDI - P. I. B.
DATA 05,09,86
COD SRDAB

DEPOLIMENTO DE AWAMASU, GRAVADO EM FITA, NOV.76 (I. Ferraz)

"No dia que o Exército chegou ai no São Domingos, rapaz!... Ah, tinha muito... Ai esse pessoal aqui do São Raimundo, ele falou pra nós:

- Ah rapaz, ai tem muito é soldado!...

Não sabia o que eles tava procurando, Ai terrorista sumiu tudo! foi tudo morto na mata...

Eles falavam muito pra nós assim, sempre eles andava por ai pra nós procurando:

- Rapaz, vocês conhece a mata, não é?

- Nós conhece.

- Você sabe onde tá terrorista? ele falou.

- Sabe sim!

Ai ele pediu licença pra Funai. Dois foram, Marahi e Arekašu.

Toyota veio aqui apanhar a gente. Ai foi todinho pra lá, Arekašu foi na frente. Ele entrou lá na mata. Ai ele disse que tinha muito pinicada deles, ~~mas~~ não é pinicada não.

Só ai embaixo do cipozal. Ele assobiava, assobiava, soldado assobiava... Rapaz! se esconder... e nada. Nós esperava na mata... esperava, esperava... Tinha muito avião,

helicóptero, passou baixinho em cima dele mesmo! Ele morava assim, embaixo do cipozal, tinha barracão do camará punura ("branco" mau, ruim), terrorista!

O acampamento ~~era~~ ^{do camará terrorista} era uma barracão dentro do cipozal... era baixinho... Tem uma que é separado assim, tem um,

dois, quatro, tudo separado. A gente achava muita coisa, remédio, assim, no buraco do cupim. Sempre ele enterrava no chão, botava no oco do pau ~~também~~ e tapava o toco. Tinha muito pólvora, leite no chão, enterrava e cobria.

Remédio, cartucho, pilha...

Soldado é que vai mexer, ele não deixa nós. Ele falou pra gente:

- Rapaz, você num pega nesse bicho ai, deixa eu!

Ele abriu rapaz! coisa que ~~que~~ tudo na cara do soldado.

~~explodiu~~

~~O pólvora!~~ ele abriu, ai queimou tudinho, soldado, soldado queimou todo!

Ele fez todo feito o negócio... pra morrer qualquer soldado. Terrorista é sabido, rapaz!

Ai soldado ele foi assim, como atirador. Na hora que quebrou o pau, pedaço de pau, terrorista mandou uma brasa:
- Tá... tá... tá...

Ai soldado também mandou uma brasa:
- Trrrrrrrrr.....

Camará-punura tinha coisa... como é nome daquele soldado que usa... FM... mosquetão? Tinha revólver... Esse cara, (aponta para Arekasu), ele viu, ele ajudou muito carregando morto dentro do helicóptero. pegava morto, muito! Eles matava é muito... Carregava pro São Raimundo, enterrava lá, bem ai. Mas já carregou osso, levou agora o osso dele. Era homem, mulher, tudo misturado. Ele é muito feio... Rapaz! roupa dele num presta não, rapaz. Rasgada todinha, calção velho, tudo rasgado, camisa também.

Primeiro morreu um bocado de soldado. Soldado morreu. Nós vimos na hora que soldado correu tudinho pra São Raimundo. No tempo soldado era assim mole, velho, soldado era frouxo demais! Ai chegou um cara de Brasília, do Rio de Janeiro, rapaz! foi ele que acabou tudo. Era a turma... como era o nome daquele cara, rapaz? Doutor Antonio (Gal. Antonio Bandeira). Ele trouxe muita espingarda pra nós, ele trouxe uma caixa assim de cartucho pra nós... foi tomado do pessoal.

Foi nós que cobriu pra eles na mata. Arekašu primeiro, entrou. Arekašu e Marahi, primeiro que foi na mata. Ele encontrou na hora, rapaz! Ele chegou até onde terrorista tava deitado, lá, acampamento. Pegou no revólver, ai, prrr... mataram! Era muito acampamento (do Exército): São Raimundo, Metade, 8 Barraca, Capoeira, todo canto na mata.

Nós tava lá no São Raimundo. Matava primeiro e depois cortava pescoço, soldado. Arekasu mesmo, ele ajudou ele. Arekasu pegou na mão dele pra cortar... Mas é feio, rapaz! Foi ele mesmo que mandou: cortava a cabeça e levava pro São Raimundo pra tirar retrato.

Na primeira nós peguemo o camará, esse pessoal que tá aqui no S. Raimundo. Foi tudo preso, amarravam o pescoço... Eles pegavam eles porque tavam dando comida pra ele, pro terrorista. Dava remédio, cartucho, farinha, sal, café... Foi tudo preso, tudinho. Bateram, bateram... Ai depois ele cobriu pra ele assim:

- O que que tu deu pra ele ?

- Nós demo cartucho...

- E mais ?

- Farinha!

- E mais?

- Sal.

- E mais?

- Arroz.

Ai o outro nós foi atrás.

- Mas num sou eu não! ele disse pra nós.

- Aonde que tem mais?

- Tem muito ai

- Me diz qual ele é!

Ai outro, descobriu de novo. Nós pegamo foi meia-noite outro... Outro que foi mais sofreu... Foi outro que negou com nós... ele disse que num teve nada... Ai nós amarremo ele no pescoço e assim na mão, cruza até aqui nas perna. Ai amarremo lá em cima. Ao i cara tava à altura, conversando:

- O que tu deu pra ele? ele disse.

É... tá tudo ai o cara vivo.

Eles apanhava seis soldado pra sair com a gente. Eles avisava pra nós, soldado que vai na frente:

- É escutar barulho, voces passa pra trás de mim!

Nós andava na frente primeiro. Na hora que a gente escuta barulho dele, a gente volta pra trás, soldado é que vai na frente. Ele não quer que a gente morre, não. Agora o soldado na hora que vê o barulho dele, vai mandando mesmo: trrrr...Quebrou tudinho cabeça, saiu todinho o miolo, pá, pá, pá!

A gente escutava aqui na aldeia o barulho, tá... tátátátátá... tátátátá, turrurr!...Soldado falou:

- Tem que acabar com esse terrorista! ele quer tomar o Brasil! ele disse pra nós, esse terrorista num presta! ele disse pra nós...

Ao final do depoimento, Warini, um velho Surui, desenhou no chão como o Exército cercou a região para apanhar os "guerrilheiros do Araguaia".

Em 1973, época a que se refere o depoimento, foram "batedores" dois jovens Surui (15-20 anos), Arekasu e Api e dois mais velhos, Marahi e Warini, que deveriam ter cerca de 40 anos. Naquela ocasião, representantes das Forças Armadas prometeram aos Surui que, como recompensa, seu território seria, o quanto antes, ampliado e demarcado, conforme desejavam os índios, o que não ocorreu.